



## COLONIALIDADE E SABER: um olhar comparativo entre Guimarães Rosa e Pepetela

Alécio Donizete e Andreia Marcia Zattoni

**Resumo** – Este texto aborda a relação entre o conhecimento formal e as experiências cotidianas. Parte-se da comparação entre duas obras literárias: ‘*As aventuras de Ngunga*’, de Pepetela, e ‘*Grande Sertão: veredas*’, de Guimarães Rosa. A noção de formação humana perpassa os dois livros nas figuras de seus protagonistas: Ngunga e Riobaldo. Em ambas a Educação formal ganha importância. Todavia, na perspectiva da colonialidade, o mais decisivo é o saber “revolucionário”. Só ele pode ir além da crítica aos modelos opressores e engendrar as transformações esperadas. A análise se limita ao percurso do personagem Ngunga – sua formação de guerrilheiro em busca da nova sociedade - referindo-se, como contraponto, à trajetória do “jagunço letrado”, Riobaldo Tatarana, narrador no Romance de João Guimarães Rosa.

**Palavras-chave:** saberes, colonialidade, formação-humana.

**Abstract** - This text addresses the relationship between formal knowledge and everyday experiences. It starts with the comparison between two literary works: ‘*As Aventuras de Ngunga*’, by Pepetela, and ‘*Grande Sertão: veredas*’, by Guimarães Rosa. The notion of human formation permeates the two books in the figures of their protagonists: Ngunga and Riobaldo. In both, formal education gains importance. However, from the perspective of coloniality, the most decisive is the "revolutionary" knowledge, for only it can go beyond the criticism of oppressive models and engender the expected transformations. The analysis is limited to the trajectory of the character

Ngunga – his guerrilla formation in search of the new society – referring, as a counterpoint, to the trajectory of the “literate ‘jagunço’”, Riobaldo Tatarana, narrator in João Guimarães Rosa's Novel.

**Keywords:** know, coloniality, human-formation.

## Introdução

Costumamos atribuir à formação escolar uma limitação incontornável quando ela se afasta da vida e separa, da realidade imediata, seu currículo e suas práticas. Mas, ao valorizar com tanta ênfase as experiências vividas, não se pretende relativizar a importância da Escola formal. O ponto é: ‘melhorar a Escola’, no mundo contemporâneo, significa torná-la parte essencial da vida e vice-versa. Em outras palavras, pensar a instituição escolar para além da sua função instrumental, de domínio de um saber puramente técnico. Enfim, investigar o sentido da formação humana em contextos em que modernidade e colonialidade podem se confundir.

Propomo-nos a abordar a relação entre o conhecimento advindo da escola formal e aquele que emerge da informalidade das experiências cotidianas. Faremos isso a partir de duas obras literárias: ‘As aventuras de Ngunga’, de Pepetela, e ‘Grande Sertão: veredas’, de Guimarães Rosa. A noção de formação que perpassa estes dois livros, experienciada pelos protagonistas – Ngunga e Riobaldo – extrapola os domínios da educação formal, entretanto, sem prescindir dela. Dada a grandeza e a complexidade dos textos em foco, nossa análise se limitará ao estudo do percurso do personagem Ngunga e - sua formação de guerrilheiro em busca de uma nova sociedade - referindo-nos, como contraponto, à trajetória do “jagunço letrado”, Riobaldo Tatarana, narrador no Romance de João Guimarães Rosa.

Interessante observar algumas contingências análogas. Em ambos os casos os personagens, enquanto meninos, são apresentados como órfãos e desvalidos; no caso de Riobaldo, órfão de mãe e filho bastardo de um fazendeiro, que inicialmente não o reconhece. Só com a morte de Bigri, a mãe, é que o pai, Selorico Mendes, o adota por certo período, depois do qual Riobaldo foge, para se tornar jagunço. Ngunga perdeu os pais, mortos a tiros pelos colonialistas de Angola, passando a viver pelas casas de conhecidos e amigos, principalmente o companheiro Nossa Luta. Essas condições e eventualidades leva ambos a constantemente desafiarem a violência que os circunda. Nesse sentido, procuram no conhecimento, de si e do mundo, embora de distintos modos, a força para vencer não apenas suas batalhas pessoais, mas a guerra presente e, quem sabe, transformar as circunstâncias políticas e sociais nas quais se encontram. É nesse sentido que em certa altura recorreremos a Frantz Fanon. A finalidade é iluminar nossa leitura e melhor compreender a

complexidade da condição do “colonizado” que atravessa o conhecimento formal aprisionado nas “grades” curriculares das nossas escolas.

No livro de Pepetela acompanhamos a trajetória de formação do ‘herói’ Ngunga. Como guerrilheiro ele terá de aprender, sobretudo com a vida e com as lutas para libertação de seu país, mas a Escola não deixa de fazer parte desse percurso. Já, Riobaldo – Jagunço que ironicamente teria colocado fim à guerra dos jagunços – não se cansa de glorificar o profundo aprendizado alcançado com a guerra e com as intermináveis incursões pelo Sertão mineiro, mas, antes disso, foi ele um bom aluno e, melhor ainda, professor.

### **A escola e a vida**

As similaridades entre os dois romances, para além e aquém da escritura, se dá na proximidade de vivências dos seus autores. ‘As aventuras de Ngunga’, primeiro romance do escritor angolano Pepetela (Artur Maurício Pestana Dos Santos), foi escrito em 1972 e publicado em 1973, em formato mimeografado. Ele foi concebido como material para fins pedagógicos, em plena guerrilha para libertação de Angola da colonização portuguesa, na qual o próprio autor esteve diretamente envolvido. Ele foi membro do Movimento Popular pela Libertação de Angola (MPLA). Pepetela é seu apelido; trata-se do diminutivo de ‘pestana’ na língua Umbundu e foi adotado quando o escritor era combatente, como codinome para garantir seu anonimato e proteção. A obra foi escrita quando Pepetela era secretário de educação do Movimento, depois de ter estado junto aos guerrilheiros na floresta de Mayombe, na região de Cabila. Tanto “As aventuras de Ngunga” quanto o livro “Mayombe” são inspirados no cotidiano, nas relações humanas e na luta em campo do MPLA. Essa sua experiência como guerrilheiro em Mayombe lhe permitiu conviver na ação de guerrilha e em situações-limite, condição que faz com que as pessoas se revelem de forma mais intensa, como relatou o próprio autor, em evento ocorrido em Cuiabá – MT, a 2ª Festa Literária de Chapada dos Guimarães, (olive.com.br, 2020)

Ao examinar a história de vida de Guimarães Rosa constatamos que também ele esteve sempre às voltas com a Guerra. Nascido em 1908, tinha de seis e dez anos entre o início e do fim da primeira Guerra Mundial. Aos vinte e poucos anos, no início da década de trinta, foi combatente na guerra civil entre Minas Gerais e São Paulo; durante a Segunda Guerra Mundial, sendo já diplomata, atendia como vice-cônsul em Hamburgo na Alemanha, país que durante bastante tempo, foi o epicentro do conflito. A influência dessas circunstâncias é inegável em sua obra, notadamente em

Grande Sertão: Veredas. E, Rosa, atesta a importância destas experiências em entrevista a Gunther Lorens em 1966. Instado a falar sobre sua história de vida, diz:

Chegamos novamente ao ponto que indica o momento em que o homem e sua biografia resultam em algo completamente novo. Sim, fui médico, rebelde, soldado. Foram etapas importantes de minha vida, e, a rigor, esta sucessão constitui um paradoxo. Como médico conheci o valor místico do sofrimento; como rebelde, o valor da consciência; como soldado, o valor da proximidade da morte. (Entrevista LORENS, p. 05)

Voltemos, pois, a Ngunga e suas aventuras. Narra-se aí a vida de um menino; órfão, treze anos, vivendo no momento histórico de luta pela libertação de Angola na década de 70. Ngunga passa por um processo de transição e de formação e esta trajetória de autoconhecimento é narrada no romance. O caminho de Ngunga pode ser entendido como metáfora do percurso que Angola estaria trilhando rumo ao reconhecimento e fortalecimento de uma identidade nacional. O nome das personagens que se relacionam com Ngunga revela essa dimensão paralela entre a trajetória de Ngunga e a formação nacional. Nossa Luta, amigo que morre na guerrilha; União, professor; Avante, subgrupo da guerrilha. Cada qual desempenhando, simbolicamente um papel na formação de Ngunga. Esse recurso utilizado por Pepetela, faz com que cada personagem traga inscrita em seu nome os pontos-chaves da ação revolucionária (CAMPOS, 2009).

Já no início do romance, Ngunga se põe a caminhar para curar uma ferida. Essa ferida seria aquela causada ao povo angolano por anos de Colonialismo e que precisava ser cicatrizada. Ngunga inicia só, perdido, com sentimento de abandono. Aos poucos, vai construindo para si uma identidade a partir da observação crítica do comportamento, costumes e ações de outros que partilham o mesmo cenário de guerrilha. Suas reflexões geradas nesses encontros têm conotações filosóficas, de caráter existencial, mas sobretudo são interrogações de ordem sociológica, política e moral. As relações de poder, o comportamento moral, o questionamento de práticas tradicionais que reforçam injustiças, passado e futuro, tradição e modernidade, individualismo e coletividade, o conflito na resistência, são alguns dos temas trabalhados pelo autor na obra.

Pepetela, por conhecer na prática o interior da engrenagem política que se organizava a favor da independência, detecta com lucidez as peças que emperram seu funcionamento e denuncia, através de sua ficção, o prejuízo causado por posturas equivocadas, apontando comportamentos que poderiam contribuir para o aperfeiçoamento das estratégias de luta. (CAMPOS, 2009, p.230)

Se por um lado, Pepetela, autor e criador de Ngunga, conhece bem “o interior da engrenagem política” e a combate, tanto com armas quanto com a caneta, Guimarães Rosa – diplomata de carreira, mas também sertanejo – faz questão de incorporar, ao seu principal personagem, os recursos e as condições necessárias para o exercício da crítica. Riobaldo, assim como Ngunga, tem sua trajetória marcada pela busca do autoconhecimento, mas, para sua sobrevivência, será exigido dele também o conhecimento prático do mundo do sertão e dos meandros da Guerra. Para completar o ciclo de sua formação, muito cedo será inserido no mundo das letras<sup>1</sup>. Essa inserção, incomum, entre os sertanejos, será possível porque ainda menino será adotado por Selorico Mendes, grande latifundiário da região. Ao tomar contato com os livros, Riobaldo se destaca entre outros meninos, conforme ele mesmo diz mais tarde:

Não é que eu esteja analfabeto. Soletrei, anos e meio, meante cartilha, memória e palmatória. Tive mestre, Mestre Lucas, no Curralinho, decorei gramática, as operações, regra-de-três, até geografia e estudo pátrio. Em folhas grandes de papel, com capricho tracei bonitos mapas. Ah, não é por falar: mas, desde o começo, me achavam sofismado de ladino. (ROSA, 1994, p. 13)

E quando quase já moço será chamado a ser ele mesmo professor. Um fazendeiro vizinho, com pretensões políticas de se tornar deputado queria se iniciar nas cartilhas. Assim, propõe àquele que era o professor de Riobaldo, um bom salário para ensiná-lo no privado. Vendo-se impossibilitado de atender ao fazendeiro, o professor indica para substituí-lo, o seu melhor aluno, ou seja, Riobaldo. Com isso se articulam peças-chave do romance. Riobaldo vira professor de Zé Bebelo, mas este queria ‘aprender’ a lei da gramática para acessar a lei do Estado de direito e trazê-la para os confins. Nesse processo de ensinar e aprender, professor e aluno tornam-se grandes amigos. No entanto, episódios futuros os colocarão em lados opostos. Inicialmente, Bebelo já munido de certo saber formal reúne seu bando e se junta aos soldados do Governo, que viviam para combater as “desordens” dos jagunços.

Por outro lado, Riobaldo descobre que Selorico Mendes, que o havia adotado e lhe bancado a escola, era na verdade seu pai. Riobaldo se vê ‘filho’ de Selorico e de Bigri, mulher, por abuso do pai. Essa descoberta revolta Riobaldo e ele foge de casa para se unir ao Bando misto de Zé Bebelo. Agora professor e aluno estão juntos na batalha, mas não por muito tempo. Logo haverá ocasião de Riobaldo reencontrar o menino chamado Reinaldo, com quem ele se encantara na infância. Ocorre que Reinaldo Diadorim era membro de um bando liderado por Joca Ramiro, o grande chefe

---

<sup>1</sup> Ngunga também será apresentado à escola pelo comandante Mavinga: “Quer ser guerrilheiro, mas eu resolvi metê-lo na escola. Como nunca está parado, vocês ainda vão ouvir falar dele.” (PEPETELA, 2002, p.23)

jagunço. Isso levará Riobaldo a debandar passando doravante para o lado de lá: os sertanejos rústicos que combatiam os soldados. Jagunços a quem o Estado brasileiro há tanto tempo perseguia como inimigos da modernização. Estes a quem Euclides da Cunha havia descrito com tanto rigor em “Os Sertões” apresentando-os como impávidos guerreiros em luta contra a República. Sobre isso, Euclides cunhará a célebre expressão: “o sertanejo é antes de tudo um forte”. Riobaldo agora é um deles; o menino órfão, o aluno destacado, o professor de gramática agora será o Tatarana - ‘lagarta de fogo’ que queima com balas. Riobaldo professor e jagunço combaterá a ordem oficial do governo. Entre a modernização e a estrutura tradicional dos que resistem à ordem opressora Riobaldo escolherá a tradição e a defenderá até o fim.

Em sua trajetória, depois de dominar minimamente os códigos gramaticais, Riobaldo passa a conhecer também os entremeios das relações políticas, nem sempre sensatas ou justas. A seguir, apropria-se dos saberes encravados no sistema-jagunço e chega a se tornar um grande líder entre eles, e como tal exercerá importante papel no desfecho dos acontecimentos da guerra. Mas a guerra que pacificará o sertão e colocará fim à violência das falsas promessas da modernidade não será aquela feita pelos soldados fardados. A paz virá da guerra dos jagunços, comandada por eles mesmos, liderados pelo jagunço-professor, que, como chefe, outra vez muda de nome, e passa a ser o Urutu Branco. Sua trajetória pessoal e de autoconhecimento, assim como a de Ngunga, termina na infelicidade de um amor frustrado. Contudo, seu conhecimento da gramática e do mundo leva-o a alcançar o sucesso, contribuindo para o estabelecimento de uma nova sociabilidade política. Suas lutas existenciais, tão intensas quanto as batalhas concretas da guerra, levam Riobaldo a ser outro, muito diferente de quando iniciou sua travessia de aluno ou de professor. O amor pelo saber letrado e a inquietação diante da injustiça o performam sempre. Já nas primeiras explicações dadas ao doutor que o escuta, seu interlocutor privilegiado, Riobaldo fazia questão de explicitar a importância de seu amor pelos livros, mesmo já depois de velho:

“Inda hoje, apreceio um bom livro, despaçado. Na fazenda O Limãozinho, de um meu amigo Vito Soziano, se assina desse almanaque grosso, de logogrifos e charadas e outras divididas matérias, todo ano vem. Em tanto, ponho primazia é na leitura proveitosa, vida de santo, virtudes e exemplos – *missionário esperto engambelando os índios*, (grifo nosso) ou São Francisco de Assis, Santo Antônio, São Geraldo... Eu gosto muito de moral. Raciocinar, exortar os outros para o bom caminho, aconselhar a justo”.

(ROSA, 1994, p. 13)

No caso de Rosa, porém, é preciso ressaltar que aquela ‘crítica’ também se exercita em relação ao próprio saber intelectualizado; ou, talvez, principalmente a ele. Assim, é preciso delimitar muito

bem, mas sem hierarquizar, os campos dos saberes: o formal sistemático e/ou erudito, e o saber do homem do sertão, altivo, porém sem ser arrogante. É nesse sentido crítico que Riobaldo Tatarana pode ser jagunço e ao mesmo tempo pensador das mazelas e dos descaminhos da modernização. Aprenderá dos livros, como o fazem os intelectuais, mas, principalmente, aprenderá com as andanças da vida de jagunço. Ademais, as experiências concretas da guerra e os conflitos existenciais são a base de sua ‘filosofia de vida’. Isso pode valer tanto para o personagem quanto para o seu criador<sup>2</sup>.

Assim, a crítica rosiana aos intelectuais deve ser entendida não como repulsa generalizada ao saber formal, e sim ao modelo de ensino “desinteressado”, desvinculado da realidade. Esta escola produz doutores incapazes de enfrentar o “traquejo da lida”. O criador de Riobaldo despreza a erudição pretensiosa, ao mesmo tempo em que eleva e valoriza o espaço-tempo vivencial. Tratando desse assunto na entrevista a Lorens, já mencionada, Rosa lança mão da ideia de brasilidade, permitindo-nos uma aproximação direta com a questão das Lutas nacionalistas, objeto literário de Pepetela. O entrevistador questiona se não seria contraditório um escritor genial como ele, ser tão duro com os intelectuais e por outro lado dar tanto valor ao saber sertanejo. Guimarães Rosa não se faz de rogado:

Para compreender a "brasilidade" é importante antes de tudo aprender a reconhecer que a sabedoria é algo distinto da lógica. A sabedoria é saber e prudência que nascem do coração. Minhas personagens, que são sempre um pouco de mim mesmo, um pouco muito, não devem ser, não podem ser intelectuais, pois isso diminuiria sua humanidade. (entrevista a LORENS, p. 25)

Mesmo que ‘Grande Sertão: veredas’, como já apontamos, represente de algum modo a experiência da guerra vivida pelo autor, trata-se de peça de ficção bem distinta de “As Aventuras de Ngunga”. Neste último caso, o autor, Pepetela, foi guerrilheiro e, embora seu livro também seja uma ficção, poderia ele perfeitamente fazer suas aquelas palavras do Rosa: ‘minhas personagens são sempre um pouco de mim mesmo’. O que os dois praticam como escritores já nos parece algo implícito que reforça nosso argumento: ambas as criações intelectuais são indissociáveis da vida, assim como deveria ser toda a criação de saberes, mormente os da escola.

---

<sup>2</sup> Como se sabe, Guimarães Rosa era diplomata e falava dezenas de idiomas. Viveu na Alemanha, como vice-cônsul durante os anos mais tensos da II Guerra. Ele registra isso no livro ‘Tutameia. Em um dos prefácios eles escreve: “Como são curtos os séculos, menos este! Eu morava numa cidade estrangeira, na guerra, atribulando-me o existir, sobressaltado e monótono. Dormia de regra um só estiro, se não cantassem as sereias para alarma aéreo e ataque. Vem, porém, a vez, rara e acima de acepção, em que acordei, mesmo por nenhum motivo. Era noite mais noite e mais meia-noite...” (ROSA, 2009, p. 146)

## **Acompanhando Ngunga mais de perto**

Escrito contemporaneamente ao, e desde dentro do, movimento guerrilheiro, o MPLA, “As Aventuras de Ngunga”, deixa saltar aos olhos o seu viés pedagógico. Caracteriza-se Ngunga como um modelo de ser humano da nova ordem pós-revolução que se avizinha, ao mesmo tempo que se propõe a motivar os jovens para a consciência política com a construção ficcional de um guerrilheiro solidário, íntegro e comprometido com uma sociedade mais justa. A passagem do romance em que Ngunga é adotado pelo presidente Kafuxi, chefe ancião de um kimbo (aldeia), marca o início da jornada de Ngunga. Começa aí a colocar em suspensão o seu juízo sobre os homens, passando a refletir sobre o bem e o mal<sup>3</sup>, sobre a natureza humana. Ngunga percebe que o chefe agia com egoísmo<sup>4</sup>, mentia e era ambicioso, características opostas àquelas que deveriam existir nas ações coletivas, pautadas no bem-comum. Ngunga observa, analisa e, também, denuncia, posicionando-se ativamente diante de comportamentos incoerentes com os ideais revolucionários. Ideais que começam a surgir em Ngunga e passam a ser manifestos em ações. Como quando, mesmo diante de um ancião e chefe, que tradicionalmente deveria ser reverenciado pelos mais jovens, Ngunga denuncia Kafuxi por esconder a produção agrícola que deveria ser doada aos guerrilheiros para sua alimentação. As práticas e costumes tradicionais passarão, desde agora pelo escrutínio do jovem aprendiz. A gestação dos fundamentos de uma nova sociedade começa a ser simbolicamente apontada neste momento da história, através das ações individuais de Ngunga ao desmascarar Kafuxi frente aos guerrilheiros, delatando a fraude e apontando a inadequação de alguns costumes frente a uma nova ordem social.

O espírito questionador e o anseio de autoconhecimento na observação do outro, leva Ngunga a viajar, querendo menos “ver o mundo” do que “saber se em toda parte os homens são iguais, só pensando neles” (PEPETELA, 2002, p. 17). Aqui, o individualismo é o centro da reflexão. Como obra que buscava formar os jovens para uma luta coletiva, a questão do bem individual frente ao bem-comum seria parte importante na formação do guerrilheiro. Pepetela, na passagem do chefe

---

<sup>3</sup> Um dos traços mais marcantes do jagunço Riobaldo é a sua tendência à reflexão sobre a natureza humana e os estatutos do bem e do mal. “Mas, no fato, por alguma ordem política, de se dar fogo contra o desamparo de um arraial, de outra gente, gente como nós, com madrinhas e mães – eles achavam questão natural, que podiam ir salientemente cumprir, por obediência saudável e regra de se espreguiçar bem. O horror que me deu – o senhor me entende? Eu tinha medo de homem humano” (ROSA, 1994 p. 578); “Nonada. O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia. (ROSA, 1994, p. 875)

<sup>4</sup> Riobaldo não apenas constatará essas mesmas características em alguns chefes, como se sentirá ele mesmo traído por um deles. Isso será determinante em sua trajetória, pois, a partir daí, sua vida será pautada pela vingança.

Kafuxi<sup>5</sup>, associa a prosperidade ao individualismo egoísta e em seguida, nas reflexões de Ngunga indica a cura para esse veneno social: “Qual era a pessoa grande que não era egoísta? Nossa Luta”. (PEPETELA, 2022, p. 19). Na personificação do amigo Nossa Luta está a resposta para enfrentar o egoísmo e a ganância: a organização coletiva que luta pela libertação.

A morte de Nossa Luta, na guerrilha, simboliza, no romance, o início de uma nova fase histórica de Angola, após a vitória libertária e fim da guerra de independência. Nessa fase pós-revolução, Angola necessitaria ser aquilo que o colonialismo a impediu de concretizar: uma nação autônoma. Para tanto, os angolanos precisariam se reconhecer como independentes e deveriam preparar-se para o protagonismo, deixando a submissão e o conformismo de lado. Ngunga aparece como o ideal do novo homem de que Angola precisa. Os países de colonização portuguesa na África foram os últimos a se tornarem independentes, somente após a queda da ditadura salazarista.<sup>6</sup> Embora o romance tenha sido escrito em 1972 e a Independência do colonialismo português tenha se dado em 1975, alimentar o ideal de uma Angola livre, projetando um futuro melhor, fazia parte da formação do guerrilheiro engajado, um dos objetivos desta obra de cunho político-pedagógico.

Ngunga segue para, em seu caminhar, encontrar um novo amigo, seu professor, chamado União. Aqui Pepetela antevê a guerra civil que se seguiu após a libertação de Angola, onde grupos guerrilheiros se dividiram e sucumbiram às forças internacionais que representavam a polaridade da guerra fria. Alguns tiveram apoio do bloco comunista e outros foram apoiados por países representantes do modelo capitalista. De fato, a união foi enfraquecida diante de interesses divergentes e que geraram inúmeros conflitos e dificuldades à nova Angola que surgia. Também, o MPLA passava, de 1970 a 1974, por um momento de crise interna e de desmantelamento de suas forças revolucionárias, com perda de contingente guerrilheiro (SILVA, 2016). Falar em União nas escolas do MPLA através das Aventuras de Ngunga era questão estratégica na tentativa de minimizar os desentendimentos internos, certamente já sentidos pelo escritor-guerrilheiro.

Na intenção de desmascarar e revelar comportamentos e valores inadequados, mas para além de uma análise simplista das relações de poder, Pepetela consegue dimensionar, na construção do seu personagem, a complexidade das relações humanas, principalmente daqueles que estão sob o jugo do colonizador. Como na passagem em que, sem valer-se de análise e julgamento estritamente

---

<sup>5</sup> Em outra passagem, mais uma vez o chefe Kafuxi aparece como representante de uma tradição que precisa dialogar com os preceitos revolucionários. Kafuxi é citado pelo professor União quando relata que o chefe, e não só ele, foi contrário à implantação da escola em seu Kimbo, alegando que não alimentaria mais pessoas. Após ouvir o relato, “Ngunga pensou que havia coisas que não estavam certas. Mas ele ainda era miúdo...” (PEPETELA, 2002, p.27)

<sup>6</sup> Embora Salazar não governasse Portugal desde 1968, em virtude de ter sofrido um Acidente Vascular Cerebral, o ditador nunca soube que já não estava mais no poder e que fora substituído por Marcello Caetano. Morreu em 27 de julho de 1970 sem saber-se deposto. Como os moldes ditatoriais de Salazar foram continuados por Caetano, costuma-se atribuir o fim da ditadura salazarista à data de 25 de abril de 1974, quando da Revolução dos Cravos.

maniqueístas, Ngunga ao refletir sobre as rivalidades entre os próprios guerrilheiros, no episódio em que um comandante chamado Avante rouba as armas que ele havia recuperado após ser preso pelos colonialistas ou quando seu colega de escola, Chivuala, não assume um delito praticado. Ele sentencia:

As pessoas de quem gostara e de quem não gostara vinham-lhe à lembrança: os pais, Mussango, Kafuxi, Imba, Nossa Luta, Mavinga, Chivuala, União. Bons ou maus, todos tinham uma coisa boa: recusavam ser escravos, não aceitavam o padrão colonialista. Não eram como os G.E.<sup>7</sup> ou o cozinheiro da PIDE<sup>8</sup>. Eram pessoas; os outros eram animais domésticos. (PEPETELA, 2002, p. 41)

Pepetela adota um discurso abertamente anticolonialista e trabalha com o binarismo colonizado/colonizador, mas aponta as contradições existentes entre o grupo colonizado. Os conflitos são concebidos e as falhas são desculpáveis e superáveis e não tidos como defeitos de origem. Mesmo entre aqueles, africanos, que se renderam ao jugo português, atribui-se a pecha de domesticado, aquele que foi dominado, amansado.

## **Modernidade e colonialidade**

‘Grande Sertão: veredas’ é escrito em 1956 e dialoga, deliberadamente ou não, com as discussões mais relevantes sobre o estágio da ‘modernização’ em que o Brasil, de então, se encontrava. O processo incipiente de industrialização e a urbanização contígua que se projeta desde o começo da Era Vargas é acelerado do ponto de vista dos projetos políticos, com destaque para a construção de Brasília. Esta, coincidentemente, é erguida ao mesmo tempo em que Rosa produz sua obra prima. Desse modo, concordamos com Luiz Roncari em sua análise e apresentação da maneira pela qual Rosa escreveria suas estórias. Para Roncari, o autor de ‘Grande Sertão: veredas’ partia de três fontes principais para expor sua visão das coisas:

uma empírica, dada pela vivência direta da região e do país; outra mítica e universal, adquirida na leitura da literatura clássica e moderna; e outra nacional, apoiada não só na nossa tradição literária, mas também nos velhos e novos estudos de interpretação do Brasil, efervescentes em seu tempo (RONCARI, 2004, p. 17).

---

<sup>7</sup> Grupos Especiais eram milícias que auxiliavam as forças portuguesas coloniais nas guerrilhas de libertação. Geralmente formada por pessoas de etnias africanas locais.

<sup>8</sup> Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) era a polícia política que operou durante toda a ditadura portuguesa de Antônio de Oliveira Salazar.

Esse período por muitos identificado como nacional-desenvolvimentista é marcado pela produção de grandes clássicos da nossa intelectualidade, os chamados retratos do Brasil. Insistimos que não se pode atribuir a Guimarães Rosa a intenção de responder ou mesmo dialogar com as grandes questões da modernização do país que reverberam naquelas obras. Mas, por outro lado, é impossível acreditar que o autor de ‘Grande Sertão: veredas’ as desconhecia. Assim, a problemática dos resquícios da colonização e os primeiros ensejos da modernização do Brasil é tratada em ressonância com Euclides da Cunha (os Sertões), Paulo Prado (Retrato do Brasil), Gilberto Freire (Casa Grande & Senzala), Sergio Buarque de Holanda (Raízes do Brasil), Caio Prado Junior (Formação do Brasil Contemporâneo), Vitor Nunes Leal (Coronelismo, enxada e voto), Oliveira Viana (instituições políticas Brasileiras), Celso Furtado (Formação Econômica do Brasil), Raimundo Faoro (Os donos do poder), José Honório Rodrigues (Conciliação e Reforma no Brasil), dentre outros. O tema da conciliação, assunto de José Honório Rodrigues, sem dúvida é visitado em ‘Grande Sertão: veredas’; mas, como sabemos, a conciliação é posta em dúvida: não há final feliz, a não ser para os jagunços. Os soldados do Governo foram derrotados e seu líder ‘Zé Bebelo’, de certa forma, humilhado: vencido e capturado pelos jagunços, ficará com sua vida nas mãos deles. Mas Zé Bebelo que representa a lei do Estado, numa inversão de valores, é julgado num tribunal dos jagunços, numa das cenas mais emblemáticas e longas do romance. Inusitadamente, ele não será condenado à morte. Poupado da pena fatal, será banido, exilado. Só retornará à cena muito depois, para se integrar ao bando dos próprios jagunços que ele perseguia, agora como chefe deles para executar uma vingança. Fica evidente, por esta e por outras situações, que Rosa não vê conciliação possível entre o Brasil ‘de lá e o de cá’. Isto é, o Brasil que se quer *moderno* e o Brasil *profundo*, cujas marcas principais são ainda aquelas mesmas da colonização.

Outra passagem exemplar do romance de Rosa nos dá a ideia do quanto o autor mergulha na profundidade de nossas mazelas. Quando Zé Bebelo, já retornado de seu exílio, agora como chefe, viaja com seu bando pelos confins do sertão, depara-se com os chamados ‘catrumanos’. A esse termo já foi atribuído o sentido de ‘quase-humano’. Representa um tipo de gente – provavelmente negros e indígenas miscigenados – que vive na maior distância possível, seja do mundo urbanizado, seja do próprio contexto dos jagunços. Sem Escola, sem remédios, sem lei, assim vivem eles, à margem de qualquer indício das benesses prometidas pela modernização.

Riobaldo narra assim a aproximação com os catrumanos, tendo Bebelo como interlocutor. Diz que vieram de soslaio e parados a certa distância rendiam explicação.

– “Ossenhor uturje, mestre... Não temos costume... Não temos costume... Que estamos resguardando essas estradas... De não vir ninguém daquela banda: povo do Sucruíú, que

estão com a doença, que pega em todos... Ossenhora é grande chefe, dando sua placença. Ossenhora é Vossensenhora? Peste de bexiga preta... Mas povoado da gente é o Pubo – que traslada do brejão, ossenhora com os seus passaram perto de lá, valor distante meia-légua... As mulheres ficaram cuidando, cuidando... A gente vinhamos, no graminhá. Faz três dias... (ROSA, 1994, p. 544)

Os catrumanos eram, assim, menos do que gente, provavelmente fugidos e refugidos, sem sucesso, da escravidão e da miséria que insistiam em permanecer. São pessoas que, no retrato do romance, parecem ter abandonado até mesmo a luta por dignidade, desistidos. Por isso, ao compará-los aos jagunços, o narrador os desmerece. São catrumanos, trêmulos de febres, sem dentes, sem esperanças... enquanto, por outro lado, os jagunços são altivos sobre seus cavalos; não aceitam lugar à margem da lei, ao contrário, criam sua própria lei, e lutam para não perder a dignidade.

Quanto aos catrumanos, Riobaldo continua:

O jeito de estremecer, deles, às vezes, era todo, era de banda; mas aquilo sendo da natureza constante do corpo, e não temor – pois, quando pegavam receio, iam ficando era mais escuros, e respiravam com roncado rumor, quietos ali. Que aqueles homens, eu pensei: que nem mansas feras; isto é, que no comum tinham medo pessoal de tudo neste mundo... A mais eles todos riram, as tantas grandes bocas, e não tinham quase nenhum dente. Riam, sem motivo justo, agora, mas para nos agradar. (ROSA, 1994, p. 545)

A proximidade dos romances de Rosa e de Pepetela se mostra, ainda, na representação de um contexto profundamente marcado pela colonialidade. Sobre essa temática, Walter Mignolo (2005) em “A Colonidade de Cabo a Rabo” – em conformidade com outros autores, tais como Anibal Quijano, por exemplo – defende a ideia de que o surgimento do chamado ‘hemisfério ocidental’ levou a uma profunda mudança no imaginário de um modo geral, mas, também, especificamente, nas estruturas do mundo moderno colonial. Entendendo o imaginário como aquela percepção que os povos têm de si mesmos, abre-se aí as portas para a subalternização, completada nas subsequentes violências sofridas pelas vítimas da colonização. Esta violência sendo diversa, ganha, também, diversos nomes. Aqui enfatizamos ‘a violência epistêmica’, termo amplamente utilizado, por exemplo, por Castro-Gomez (2005), para apontar um tipo de força conceitual que se volta contra os saberes originários. Assim, além de ‘colonizar’ o conhecimento, esta violência promove juntamente com a anulação dos saberes, o ‘encobrimento do outro’ (Dussel, 1993) no sentido do demérito de uma identidade cultural ou de certo domínio epistêmico.

Na perspectiva mencionada acima, pode-se dizer, enfim, que a luta pela libertação de Angola foi bem-sucedida na década de setenta, mas isso não quer dizer que a colonização tenha sido superada; assim como no Brasil as características da colonialidade permanecem após o fim da colonização histórica. Os conflitos e batalhas se dão de maneiras diversas, mas a realidade de opressão perdura. E seu lastro vai além da pura marginalidade econômica. Ela atinge, sem dúvida, os saberes repetidos sistematicamente, alcança a formação das mentalidades e cria raízes no imaginário. E esse papel funesto não raramente cabe à Escola. Uma intrigante passagem do livro de Pepetela leva-nos a refletir sobre isso. Após Ngunga ser capturado, está ele trabalhando praticamente como criado do chefe dos soldados. Ali, lavava o chão, servia comida e lavava as panelas enquanto precisava ouvir da boca do cozinheiro, um velho resmungão, o quanto era ridículo ser revolucionário:

– Vocês julgam que vão ser independentes – dizia ele. – Estúpidos! Se não fossem os brancos, nós nem conhecíamos a luz elétrica. Já tinhas visto a luz elétrica e os carros, seu burro? E queres ser livre. Livre de quê? Para andares nu a subir nas árvores?  
(PEPETELA, 2002, p.25)

Mas essa passividade e essa visão alienada, em outros momentos, são confrontadas. Pepetela coloca seu personagem no interior desse conflito e faz da escola instância imprescindível. Isto pode ser observado, por exemplo, no discurso de Mavinga, na inauguração da escola, quando da apresentação do professor ‘União’. A escola é vista como uma conquista da guerrilha. O povo subjogado não teria direito à escola. Assim lemos:

O professor União tinha sido enviado de longe pelo Movimento, para ensinar. No tempo do colonialismo, ali nunca tinha havido escola, raros eram os homens que sabiam ler e escrever. Mas agora o povo começava a ser livre. O Movimento, que era de todos, criava a liberdade com as armas. A escola era uma grande vitória sobre o colonialismo.  
(PEPETELA, 2002, p.25)

Contudo, se uma nova sociedade poderia surgir a partir do enfrentamento do cancro colonial, alguns costumes tradicionais – do povo Angolano, mas também de outros povos – seriam colocados em questão. Nem tudo que é tradicional, ou seja, “não moderno” será bom. E, do mesmo modo, nem tudo que vem da modernização deveria ser rejeitado. Esse papel crítico cabe fundamentalmente ao Saber Escolar. Mas no caso do Brasil de Rosa e especificamente do Sertão Mineiro esse ‘encontro dos saberes’ ainda é uma realidade impalpável dadas as condições sociais precárias herdadas do colonialismo.

Para ilustrar esse ponto, ao voltar ao encontro dos jagunços com os ‘catrumanos’, ouvimos essa parte de um diálogo impossível. O narrador conta que um Catrumano que parecia um pouco mais consciente indagou:

– “O que mal não pergunto: mas donde será que o senhor está servido de estando vindo, chefe cidadão, com tantos agregados e pertences?”

– “Ei, do Brasil, amigo!” – Zé Bebelo cantou resposta, alta graça. – “Vim de partir alçada e foro: outra lei – em cada esconso, nas toesas deste sertão...” (ROSA, 1994, p. 544-546)

E é esse “do Brasil” que precisa ser sublinhado. O catrumano não o faz, mas se quisesse poderia perguntar: ‘e por acaso aqui não é Brasil’? Ou ainda, quantos brasis temos, e quando é que se encontrarão como um só?

### **Cedendo a palavra a Frantz Fanon**

Uma aproximação ainda que superficial ao pensamento anticolonial de Frantz Fanon iluminaria alguns aspectos de nossa reflexão. Fanon abordou a questão colonial africana<sup>9</sup> e encontrou-se pessoalmente em 1960 com membros do MPLA, por ocasião da II Conferência dos Povos Africanos de 1960, na Tunísia. (SILVA, 2016) Fanon, em seu livro de 1952, “Pele negra, máscaras brancas”, pensa as relações humanas e raciais influenciadas por construções sociais e processos de dominação, mas complexifica a análise questionando até o modo como conduzimos nossos questionamentos, levando em consideração o uso da linguagem<sup>10</sup>, as concepções epistemológicas e as condições psicológicas gerada nas relações raciais que determinam a construção do “negro”. A negação do racismo é colocada à mesa e as hipocrisias, subterfúgios e sutilezas da prática racista são trabalhadas nessa obra. Quando Pepetela pensa as relações coloniais expostas nas reflexões de Ngunga e de outros personagens, percebemos um diálogo direto com as ideias de Fanon. A passagem anteriormente citada em que o velho cozinheiro que servia o comandante branco da PIDE manifesta-se favorável à colonização é bastante elucidativo quanto à construção do sentimento de

---

<sup>9</sup> Pour la révolution africaine (1964). Editado postumamente.

<sup>10</sup> Muito oportuno este tema, embora não seja o caso aprofundá-lo aqui. Uma das mais evidentes formas de denúncia presente em Guimarães Rosa é o modo como ele opera a linguagem. Aquele falso diálogo em que apenas a instituição e os intelectuais possuem voz é desconstruído quando em ‘Grande Sertão: veredas’ quem fala é o jagunço e sua linguagem é plena: abarca a natureza (sertão e veredas), o saber popular/sertanejo, mas ainda o saber dos livros. Contudo, este último, na boca do narrador não é estéril como na boca do intelectual que ignora o Brasil. Rosa faz falar sempre o que tem voz ou nem mesmo vez, e o faz numa linguagem de caráter revolucionário. Em tal caráter já vem implícito o elemento chave que destacamos no início deste texto: a linguagem expressa um saber que não se distingue do viver e “viver é muito perigoso”.

dependência e inferioridade proporcionados pelo processo de colonização. Como vimos, para o cozinheiro há uma dependência inegável em relação ao saber do branco europeu. Segundo ele, seria “burrice” não reconhecer isso, expressando a lógica hierárquica e de negação da diversidade de saberes, próprio do pensamento moderno europeu, de caráter universalista e eurocentrado. E acrescenta ainda que ao que parece os revolucionários queriam voltar a andar nu sobre as árvores, validando um único modo de vida como exemplar e superior.

Para Fanon “A inferiorização é o correlato nativo da superiorização europeia. Precisamos ter a coragem de dizer: é o racista que cria o inferiorizado” (FANON, 2008, p.90). O complexo de inferioridade, ou de dependência, exposto na fala do cozinheiro estaria intimamente ligado ao processo colonial. A identidade do ‘ser negro’ transitaria<sup>11</sup>, no mundo de valores coloniais, entre reconhecer-se em relação aos valores e ideologias impostas pelo colonizador e entre a experiência de sua vivência cultural originária. Fanon, afirma que o reconhecimento e valorização da cultura negra poderia enfrentar o processo de inferiorização construído socialmente nas relações de submissão em que vive o negro colonizado. Não há possibilidade de marcação de inferioridade senão no exercício comparativo em uma relação que de antemão se põe como hierárquica. É nesses termos que Fanon refere-se ao processo colonizador de Madagascar; o mesmo poderia ser apontado no contexto da colonização angolana e, também, brasileira, pois não se coloniza apenas terras e jazidas de minérios:

O branco, ao desembarcar em Madagascar, provocou uma ferida absoluta. As consequências dessa irrupção europeia em Madagascar não são apenas psicológicas, pois, todo o mundo já o disse, há relações internas entre a consciência e o contexto social (FANON, p.93).

No romance de Pepetela, Ngunga se coloca, ao final, como aquele que já ultrapassou essa fase da desvalorização de si, entendendo o seu lugar no jogo de poder colonial e se põe capaz de construir novos fundamentos para uma nova sociedade. Nesse mesmo sentido, observamos a atitude em Riobaldo quando, ao refletir sobre sua própria pessoa, indica ter encontrado valor em si mesmo. Após idas e vindas, leituras de livros e batalhas sangrentas, ele diz:

Como é de são efeito, ajudo com meu querer acreditar. Mas nem sempre posso. O senhor saiba: eu toda a minha vida pensei por mim, forro, sou nascido diferente. Eu sou

---

<sup>11</sup> Já Destacamos que o personagem Riobaldo (mestiço) tem não só a sua ‘identidade metafísica’ questionada por ele mesmo, mas também sua ordem de parentesco é confusa, embora absolutamente comum. Ele é filho de uma mulher muito pobre, provavelmente negra, provavelmente prostituta. Ainda muito pequeno é obrigado a pedir esmola e na sequência perde a mãe tornando-se órfão. É quando então será adotado por aquele – depois vem-se saber – era seu pai, o fazendeiro Selorico Mendes, provavelmente branco

é eu mesmo. Diverjo de todo o mundo... Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa. O senhor concedendo, eu digo: para pensar longe, sou cão mestre – o senhor solte em minha frente uma ideia ligeira, e eu rastreio essa por fundo de todos os matos, amém! (ROSA, 1994, p. 13-14)

Em Ngunga, porém, a valorização da tradição não é exercida de modo folclorizado, ao estilo do colonizador, e nem sem alguma reflexão crítica, concebendo cultura e vida como algo estático ou imutável. Essa recuperação da tradição, de redescobrimto do “ser angolano” põe-se em diálogo com ideais de superação do jugo colonizador e das injustiças que esse sistema impõe. E essa recuperação não se faz pelo uso de categorias racionais unicamente, mas se dá no envolvimento afetivo e psicológico com os dramas e dores pelos quais Ngunga passa. É no drama pessoal amoroso, quando Ngunga se apaixona por Uassamba, menina que possui a sua mesma idade e que corresponde ao seu amor, que Ngunga apoia-se para seguir em frente. As motivações racionais são permeadas de sentimentos. Ngunga sente as frustrações diante da impossibilidade de vivenciar seu romance com Uassamba. O que o impede é um costume tradicional angolano, chamado alambamento, em que a família é remunerada em troca da cessão da filha para o casamento. O futuro marido compra a esposa pagando um tributo, alambamento, aos pais. Uassamba então é vendida e torna-se esposa de um homem mais velho. Esse fato gera revolta em Ngunga o que o faz novamente questionar valores tradicionais que parecem imutáveis: “Hei de lutar para acabar com a compra das mulheres – gritou Ngunga, raivoso. – Não são bois!” Ao que responde o comandante Mavinga, homem respeitado por Ngunga e que insiste na importância do conhecimento formal<sup>12</sup> oferecido pela escola:

– Para isso precisas de estudar. Eu não sei sobre o alambamento. Sempre se faz, os meus avós ensinaram-me isso. Mas, se achas que está mal e que é preciso acabar com ele, então debes estudar. Como aceitarão o que dizes, se fores um ignorante como nós? (PEPETELA, 2002, p. 53)

---

<sup>12</sup> Apesar disso, o comandante Mavinga não sabia ler. Descobrir isso foi interessante para Ngunga, como podemos notar nesta passagem: “O comandante ficou esse dia na escola. Ao sentar-se com o professor, entregou-lhe uns papéis. O professor lia alto para Mavinga perceber. « O comandante não sabe ler?», pensou Ngunga, admirado. Afinal deve ser difícil. Olhou com mais respeito para o professor União: União fazia uma coisa de que Mavinga não era capaz. (PEPETELA, 2002, p.25). A escola se mostra necessária, mas não imprescindível para o entendimento e a prática da guerrilha. As condições para a libertação seriam dadas pela experiência de colonizado, nos sentidos da vida de subalternidade. A escola acrescentaria ferramentas para a emancipação. Após a morte de Nossa Luta Ngunga irá para a escola, alusão a um momento pós-guerrilha

A convivência do novo com a tradição se põe como questão e é apontada a solução: o conhecimento servirá para revitalizar as estruturas tradicionais, promovendo as mudanças necessárias, mesmo que costumes precisem ser alterados. (CAMPOS, 2009) A trama do romance apresenta a questão de modo a conduzir o leitor à conclusão de que determinados costumes podem fortalecer injustiças e exercer a opressão. O olhar crítico sobre os costumes aconteceria por um distanciamento da tradição, proporcionado pela apropriação de outros saberes, externos a ela. O lugar para diversificar esse olhar, buscando outras perspectivas, seria o acesso à educação formal, escolar, como muitas vezes aparece no romance. Mas, que escola seria essa?

As nações colonizadas, dado seu lugar na estrutura econômica em relação às metrópoles colonizadoras, como meras fornecedoras de matérias primas ou de mão de obra barata para a industrialização, pouco desenvolveram-se tecnológica e industrialmente. Não foi diferente com Angola. Dessa forma o incentivo à formação escolar viria a ser uma necessidade em uma nação livre que buscasse autonomia e soberania econômica, política e social, pautas dos movimentos por Libertação. Mas além dessa necessidade estratégica de inserção no mundo moderno, a escola não poderia ser indiferente às enfermidades de anos de colonização. A formação (do guerrilheiro) somente se daria pelo entendimento da necessidade de transformação e enquanto houver necessidade de transformar se torna, também, necessário “guerrear”. Assim, as mesmas motivações que conduzem o guerrilheiro para a luta concreta: a indignação diante das injustiças, a superação de valores individualistas, a necessidade de pensar socialmente a partir do bem-comum, permanecem necessárias enquanto existir a colonialidade, mesmo após a libertação do Estado colonial. A escola necessária nesse contexto seria a que ensina o domínio das letras e da técnica, mas não prescinde de conteúdos relacionados a questões sociais e políticas vivenciados pelos alunos, e que leve a reflexões sobre justiça, igualdade etc. Uma escola em que professores enfrentariam situações cotidianas permeadas de reflexões éticas, sobre o homem no mundo e o fundamento de suas ações, como o faz o professor ‘União’. Numa passagem do romance de Pepetela, quando alunos e professores conversam informalmente, lemos:

– Falas muito pouco – dizia União. – Não tens coisas para contar?

Ngunga dizia que não, o que via era pouco. Chivuala podia falar, já tinha quinze anos, era quase um homem. O professor respondia que toda a gente tem qualquer coisa a ensinar aos outros (PEPETELA, 2002, p.27).

Nota-se, latente, uma tendência ao diálogo, na escola em que, junto à capacidade de criar, inovar, se ensine também a participação e a esperança. Uma escola em que o diálogo parta da premissa de que

ninguém conhece tudo. Essa máxima está também na voz do professor e jagunço Riobaldo: “mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende”.

### **Considerações finais**

Ngunga após percorrer um caminho de dores e decepções, mas também de reconhecimento de valores como amizade, amor, perseverança e coragem, completa seu rito de passagem. O amadurecimento aponta para a necessidade de fortalecimento frente aos desafios que se apresentam: feridas ajudam a amadurecer. O propósito doutrinário da obra equilibra com sutileza as diversas formas de saber. Afinal, o herói Ngunga termina sua trajetória fortalecido pelas vivências da guerra, e, embora menos intensamente, também, pelo aprendizado escolar. Pepetela faz o elogio ao saber vindo das tradições, das interações pessoais e sociais, da luta guerrilheira, quando determina, ao final do livro, que Ngunga está pronto para sua jornada de transformação revolucionária. As experiências vividas formaram o guerrilheiro e a formação escolar para no horizonte como uma necessidade futura, menos emergencial, mas também importante. Ao apresentar Ngunga para pessoas de uma aldeia, o comandante Mavinga diz:

Este é o Ngunga, um rapaz corajoso que quer conhecer o Mundo. Veio de longe, sozinho. O amigo dele era o camarada Nossa Luta, que vocês devem conhecer. Quer ser guerrilheiro, mas eu resolvi metê-lo na escola. (PEPETELA, 2002, p.23)

O conhecimento escolar não basta para uma completa formação política e moral. É preciso, além disso, atuar socialmente, fazer-se presente e respeitável. Ngunga, assim como Riobaldo, se convence ainda mais da importância do saber formal, pelas necessidades mostradas na guerra. Em diversas situações a posse do conhecimento significou vantagens táticas. Mas, também, permitiu examinar de perto a natureza humana, para melhor compreensão de suas possíveis ações ou reações. No Caso de Ngunga, o exemplo de caráter do amigo ‘professor União’ também foi significativo nesse convencimento, aliando e aproximando saber e virtude moral. Porém, fica evidente que a formação mais significativa de Ngunga se deu sem que ele estivesse nos bancos escolares. E a mesma coisa se pode dizer de Riobaldo. Assim, a consciência da condição de colonizado, sentida em contingências físicas e mentais é primordial; e nem sempre essa consciência se adquire por meio da educação formal. A conquista do direito à educação escolar se põe como parte do processo de superação da condição de subalterno. Mas o acesso ao conhecimento institucionalizado, deve: em primeiro lugar, vir acompanhado do respeito à tradição e à cultura, levando em conta as vivências

pessoais e sociais; e, em segundo lugar, e tão importante quanto, jamais prescindir do vigor crítico e revolucionário que rejeita qualquer tipo de colonialismo. Ngunga aprendeu isso e toma sua decisão, conforme podemos ler em letras límpidas a fluir da ágil mão do ex-guerrilheiro e agora escritor, Pepetela:

– Que vais fazer? – perguntou Uassamba.

– Vou para uma escola.

Calaram-se. As palavras não tinham sentido, Ngunga sempre desconfiara das palavras. (PEPETELA, 2002, p.56)

Enfim, Riobaldo, que costumava dizer ‘não sei de quase nada, mas ‘desconfio de muita coisa’, entende e admite que, em sua trajetória, acabou por aprender muito. Por exemplo que ‘o real não está na saída nem na chegada’, e sim no meio da Travessia. Ele nos ensina esse necessário ‘ar de desconfiado’, conseqüentemente, está sempre curioso e atento. Sua desconfiança se dá tanto em relação à ‘condição condicionada’ do humano como também duvidando de qualquer ordem imposta sem o diálogo. Terminemos, pois, com suas próprias palavras:

“Tudo que é estúrdio comparece em tempo de guerra... Vote, vais!” – algum disse. E teve gente que se riu disso, até à beira da madrugada. Daquilo tudo eu gostei, gostava cada dia mais. Fui aprendendo a achar graça no dessorsego. Aprendi a medir a noite em meus dedos.

## Referências

DUSSEL, Enrique. 1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade. Conferências de Frankfurt/ Tradução Jaime A. Clasen – Petrópolis, RJ. Ed. Vozes, 1993.

CAMPOS, Maria do Carmo Sepúlveda. As aventuras de Ngunga: nas trilhas da libertação. In: CHAVES, Rita & MACEDO, Tânia (orgs.). Portanto ... Pepetela. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. p. 229-236.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”. *En libro: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. pp.169-186.* Disponível em la World Wide Web: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/pt/CastroGomez.rtf>

FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

LORENZ, Gunther. Entrevista, Diálogo com Guimarães Rosa, Gênova, janeiro de 1965

MIGNOLO, Walter D. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. *En libro: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. pp.71-103. Disponible en la World Wide Web: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/pt/Mignolo.rtf>

NETO, Agostinho, *Sagrada Esperança*. Luanda, União dos Escritores Angolanos, 11ª ed., 1987.

PEPETELA. *As aventuras de Ngunga*. Lisboa: Dom Quixote, 2002.

olive.com.br. Autor angolano fala sobre a relação Brasil/África. Disponível em: <https://olive.com.br/autor-angolano-pepetela-fala-sobre-a-relacao-brasil-africa>. Acesso em: 20 nov. 20220

RONCARI, Luiz. *O Brasil de Rosa*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

ROSA, J. Guimarães de. *Grande Sertão: veredas*. Ed Aguillar, São Paulo, 1994

----- Tutameia (terceiras estórias). 9ª. Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2009

SILVA, Zoraide Portela. Guerra Colonial e Independência de Angola: O fim da guerra não é o fim da guerra. *Revista Transversos*. “Dossiê: História Pública: Escritas Contemporâneas de História”. Rio de Janeiro, Vol. 07, nº. 07, pp. 154-184, Ano 03. set. 2016. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2016.25600.

*Autores:*

*Alécio Donizete*

*é Graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná e, pela mesma instituição, fez mestrado apresentando a dissertação Rousseau e o Estatuto da Linguagem. É doutor pela UFBA (Universidade Federal da Bahia) onde estudou a relação entre filosofia e literatura com a tese: A Razão Poética no Grande Sertão: Veredas: um diálogo entre Guimarães Rosa e Maria Zambrano. Desde maio de 2011 é professor da disciplina de Filosofia e Educação na UFMT (Universidade*

*Federal do Mato Grosso). Sua atuação enfatiza as seguintes áreas: filosofia e educação, ensino de Filosofia, e formação de professores, tendo sido, de 2019 a 2023, coordenador do núcleo local do PROF-FILO (mestrado profissional em Filosofia)*

*Lattes: < <http://lattes.cnpq.br/4483690235510046>>.*

*Andreia Zattoni*

*é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Possui Graduação (Bacharelado e Licenciatura) e Mestrado em Filosofia (área História da Filosofia Moderna e Contemporânea) pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Desenvolve pesquisa interdisciplinar nas áreas de Filosofia, Educação e História, com interesse em Estudos de Gênero, História indígena e Gestão Educacional. Participa do grupo de pesquisa Estudos de Gênero e História. Atua na gestão educacional com Planejamento, regulação da Educação Superior e Avaliação institucional.*

*Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5896923152360614>.*